



GEPAD EM QUARENTENA – NÚMERO 24

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E ABASTECIMENTO ALIMENTAR EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL: MUITAS POSSIBILIDADES, POUCOS INVESTIMENTOS...

Danielle Wagner Silva

Professora Extensionista e Pesquisadora- Universidade Federal do Oeste do Pará- UFOPA.
e-mail: danicawagner@yahoo.com.br

Em todos os estados brasileiros, as universidades públicas estão realizando ações de enfrentamento à pandemia da COVID-19 e de minimização de seus efeitos na sociedade, manifestando que acadêmicos estão qualificados para atender diversas demandas sociais de interesse coletivo e que a universidade não para quando as aulas estão suspensas. As ações estão relacionadas a diversos temas, localidades e atores sociais, englobando, por exemplo, pesquisas sobre o sequenciamento genético do Coronavírus, fabricação de álcool em gel e de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para serem distribuídos aos profissionais da saúde e suporte psicológico aos discentes em isolamento.

Nesse contexto, a possibilidade de crise no abastecimento alimentar da população, o aumento da insegurança alimentar e nutricional no rural e no urbano demanda da comunidade acadêmica ações de enfrentamento aos impactos da pandemia, bem como mostra caminhos para o fortalecimento da tríade ensino-pesquisa-extensão e da relação universidade-sociedade em uma conjuntura de retaliação da ciência e da educação pública. Assim, por meio da Extensão Universitária, um dos pilares das instituições públicas de ensino superior, cuja importância muitas vezes é relegada às migalhas orçamentárias e à disseminação de resultados de pesquisa, as universidades públicas também reafirmam a importância do Estado.

Não é de hoje que temáticas como a garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada- DHAA e a promoção da Segurança Alimentar e Nutricional- SAN, em convergência com a discussão sobre combate a pobreza e inclusão produtiva das populações rurais são conectadas por meio de projetos que mobilizam acadêmicos, produtores e consumidores em torno da alimentação e da produção agrícola, especialmente a agroecológica. Entretanto, a necessidade de distanciamento social como medida de prevenção contra o coronavírus ao potencializar a situação de vulnerabilidade social tanto no urbano quanto no rural, visibiliza demandas sociais existentes, mas pouco consideradas como base da extensão universitária.

Diante do atual cenário, diversas frentes de atuação possibilitam à comunidade acadêmica transformar conhecimentos produzidos e acumulados em ações de extensão e de pesquisa, fortalecendo o ensino e a presença do Estado na sociedade, tais como: a) Assessoria às categorias/grupos da Agricultura Familiar e aos consumidores na organização do processo de compra e venda de gêneros alimentícios; b) Ações de educação alimentar; c) Incentivo à produção agroecológica; d) Incentivo à formação de associações e cooperativas; e) Distribuição de alimentos; f) Estratégias para fortalecimento de pequenos negócios; g) Constituição de rede de comercialização de gêneros alimentícios pautada nos princípios da economia solidária; h) Constituição e/ou fortalecimento de cadeias curtas de comercialização.

Concebidas no bojo da interdisciplinaridade, ações como essas mobilizariam diversos cursos de graduação e pós-graduação, conectando diferentes profissionais e campos científicos, como Ciências Agrárias, Ciências Sociais e Ciências da Saúde. Todavia, algumas questões merecem atenção para entender o porquê de, apesar de todo o potencial, a comunidade acadêmica não está fazendo mais: a) as universidades públicas dispõem de infraestrutura necessária para que servidores e discentes possam disponibilizar a sociedade o apoio necessário à superação dos problemas alimentares e sociais visibilizados pela pandemia? b) por outro lado, focando a tríade ensino-pesquisa-extensão, de modo geral, a comunidade acadêmica consegue visualizar as diversas possibilidades de atuação institucional frente às demandas sociais existentes e ao cenário de distanciamento social?

Apesar de nas últimas décadas ter havido avanços nas políticas de valorização da extensão dentro das universidades públicas, historicamente o investimento na Extensão Universitária foi ínfimo se comparado ao orçamento direcionado às atividades de pesquisa. Isso se deve muito ao fato da extensão ter sido – e ainda ser concebida- pela maioria dos gestores, como difusão do conhecimento gerado pela pesquisa. Reduzida por vezes a eventos (palestras e cursos) e elaborações de manuais, é subjugada na importância que tem para a formação discente e para subsidiar pesquisas conectadas com demandas sociais, ou seja, para dar significado à Educação em seu sentido mais amplo. Essa perspectiva conservadora em relação à extensão universitária tem limitado as inúmeras possibilidades de atividades acadêmicas e de diálogos com as sociedades. Sociedades essas das quais fazem parte servidores e discentes e cujas realidades socioeconômicas e culturais por vezes são negadas.

É importante considerar que, no passado, o investimento federal em projetos de extensão direcionados ao fortalecimento da Agricultura Familiar, ao Desenvolvimento Rural Sustentável e à Alimentação Saudável foram fundamentais para subsidiar a extensão universitária e ainda hoje geram frutos. Por exemplo, os Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs), Núcleos de Extensão e Desenvolvimento Territorial (NEDETs), Núcleos de Estudos e Pesquisas em Segurança Alimentar e Nutricional (NESANs) e de Centros Colaboradores em Alimentação e Nutrição do Escolar (CECANEs), têm gerado amplo arcabouço de conhecimentos e *expertises* que subsidiam muitas experiências que

estão sendo realizadas em prol da produção e do consumo de alimentos saudáveis, bem como da redução da situação de vulnerabilidade social das populações rurais e urbanas.

A pandemia está impondo à comunidade acadêmica e ao Governo Federal a redescoberta e a valorização da extensão universitária, deslocando seu papel e sua importância na Educação e na existência da Universidade Pública, assim como sua forma de operacionalização. A necessidade do distanciamento social potencializou o uso de tecnologia da informação na realização de ações de extensão dada necessidade de ser feita virtualmente. Logo, a readequação do *modus operandi* das ações extensionistas apontam mudanças pelas quais as sociedades têm passado em relação à comunicação. Compras são articuladas por meio digital e por telefone celular. Informativos divulgados *on line* substituem folhetos impressos. Reuniões são feitas por canais da *web* e pesquisas são feitas por meio de aplicativos. Entretanto, a necessidade de inovações no processo de comunicação mostra problemas de infraestrutura de muitas universidades públicas e de territórios, frutos do insuficiente investimento na Educação Pública e em políticas de promoção de equidade. A falta de equipamentos, de sinal de internet, de sinal de telefonia móvel, de energia elétrica e de apoio técnico são exemplos de características pelos quais muitas instituições de ensino, servidores e discentes em distanciamento social vivem cotidianamente e que limitam a realização das atividades virtuais e remotas, principalmente no interior do país. O mesmo ocorre com populações rurais.

Nesse momento de ressignificação da extensão, as fragilidades dos sistemas agroalimentares potencializadas e visibilizadas pela pandemia faz com que demandas sociais antes invisíveis, ou não prioritárias, redirecionem temas de pesquisa e de extensão para novos campos, demandando rupturas epistemológicas para realização de atividades interdisciplinares e aproximação da comunidade acadêmica de pessoas das mais diversas posições sociais. Para tanto, a tecnologia da informação tem sido o diferencial, colocando a inclusão digital, tanto no que se refere à infraestrutura quanto à qualificação de recursos humanos, como pauta importante não apenas no âmbito da formação discente, mas na agenda de políticas públicas necessárias para redução de desigualdades sociais.

Em meio a essa força-tarefa universitária e redirecionamentos de caminhos, é importante considerar a experiência de pesquisadores-extensionistas que discutem temas associados à alimentação saudável e ao Desenvolvimento Rural. Não faltam experiências que inspiram e que promovem reflexões importantes para se repensar o tripé ensino-pesquisa-extensão e a *práxis* acadêmica durante e pós-pandemia, mas faltam reconhecimento de demandas sociais e de experiências existentes, recursos públicos e diálogo entre os diversos sujeitos (acadêmicos e não acadêmicos) que dão vida à universidade pública.